

# A pasmaceira cultural e as artes plásticas

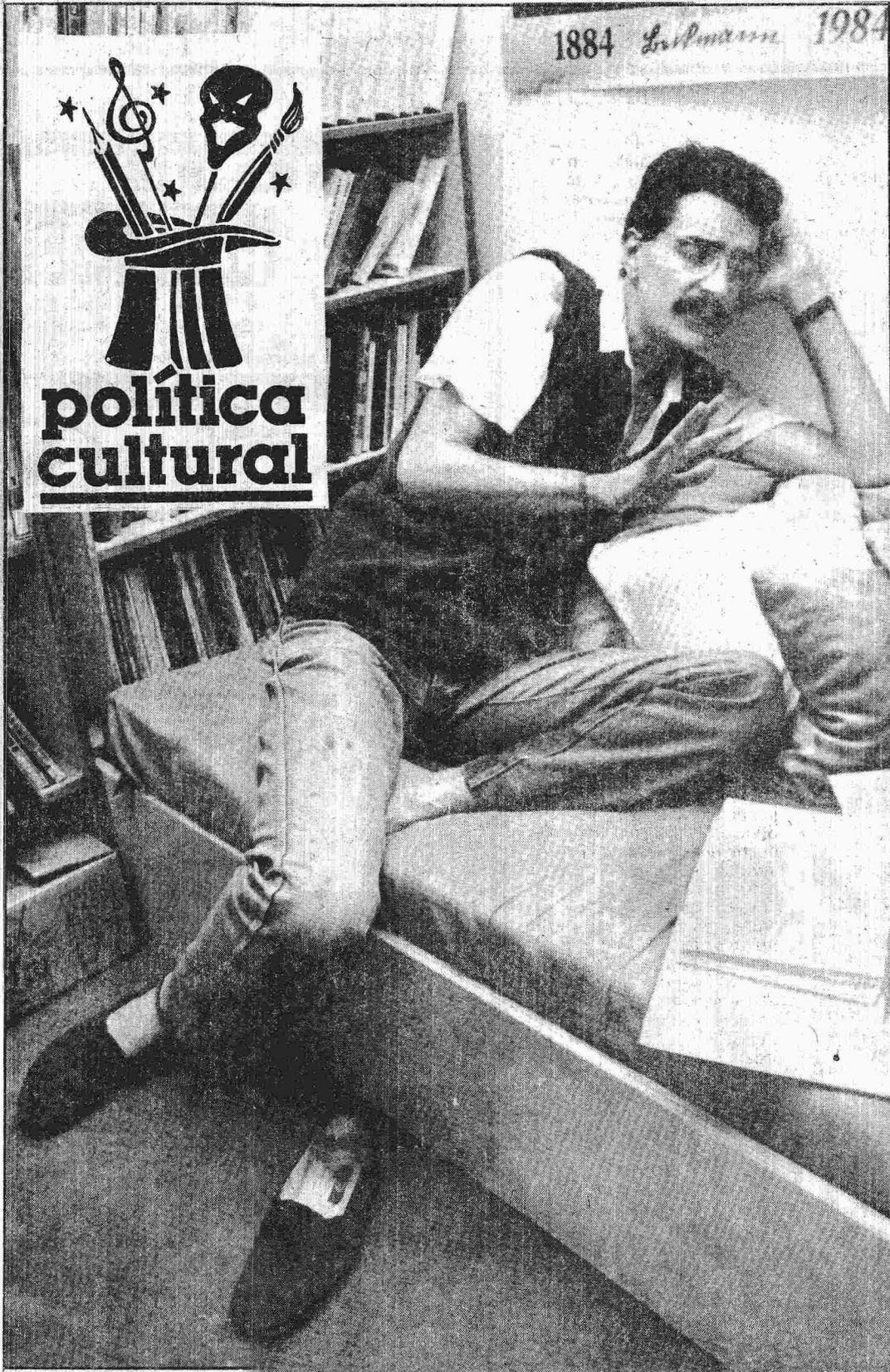
CORREIO BRAZILIENSE

15 ABR 1985

FRANCISCO GUALBERTO



política cultural



Eduardo Carreira, uma resposta a Evandro Salles

Tudo começou com a inauguração do Museu de Arte de Brasília, um espaço que a cidade e os artistas plásticos reclamavam há um bom tempo. Não foi, é verdade, instalado no local ideal, mas o problema estava muito bem resolvido, afinal. Pouco depois da inauguração, debates e uma tentativa de unir a classe pela troca de idéias e foi aí que começou a confusão. O artista plástico Evandro Salles escreveu um artigo publicado pelo **CORREIO**, onde considerava alarmante a pasmaceira cultural da cidade e atacava o museu e principalmente um de seus principais artífices, o artista João Evangelista. Hoje, a polêmica tem prosseguimento com o artigo de Eduardo Carreira, publicado abaixo:

O Evandro Salles acha a pasmaceira cultural da cidade alarmante. Conversando com ele, eu até disse que não era bem assim, mas o certo é que depois da publicação de seu artigo sobre o Museu de Arte de Brasília, já se foi mais de uma semana e nada. Ninguém chiou, ninguém brigou, acudiu ou se sentiu mais incomodado do que de costume. Não dá nem pra dizer que era mais um imparcial e epidérmico e asséptico e desnecessário comentário sobre uma exposição qualquer. No artigo, ele põe o dedo na ferida, acusa, reclama, sugere e ataca. Mas o fato é que, nem mesmo a pobre Marlene Godoy, que no final das contas entrou na história como personagem extraviado, ou pessoas ligadas a ela, levantaram a voz. No mínimo, os comentários que envolviam seu nome poderiam ser taxados de atrevidos, impróprios, inadequados à profundidade do debate, mera baixaria ou qualquer outra coisa. Sem dúvida, há um número razoável de pessoas com uma vida cultural intensa, que não desconhece a recente fundação do MAB que, por hábito ou acaso, veio a ler o texto do Evandro. Por que nenhuma delas chegou a sensibilizar-se a ponto de vir a participar da polêmica? Porque nenhuma das pessoas envolvidas diretamente na questão assumiram suas posições quaisquer que fossem? Porque aqueles que se dizem produtores de cultura na cidade — de resto, uma função que qualquer bóia-fria, secretária ou engenheiro — exerce diariamente não se atreveram a inquirir, a indagar qualquer coisa

ou simplesmente emitir opiniões? O exercício da militância cultural crítica, parece que acaba sempre caindo nas costas de três ou quatro, já conhecidos como os chatos dos debates, das reuniões, dos festivais. Episódio muito ilustrativo foi quando a Maria do Rosário Caetano ficou surpresa com o tom amável e moderado do convite que fiz na Mostra de Cinema para a inauguração do Museu, por não se tratar de protesto ou denúncia. Alguns carregam a imensa responsabilidade de ser aquela parte mais exigente da consciência da rapaziada, enquanto a maioria permanece escondida atrás de confortáveis silêncios.

No final das contas, uns se picam de Brasília, outros vão trabalhar em ministérios e a gente termina se achando um monstro. Mas o que é que se pode fazer diante do mistério que cercou a inauguração do Museu? O que se faz quando o projeto de um pólo de emergência cultural de grandes proporções é tratado como mais um instrumento de manutenção de poder, prestígio e conservantismo? E diante da censura ao trabalho de José Eduardo e Odete Ernest Dias no dia da inauguração, onde os nomes do Leda Watson (diretora) e José Ornelas não foram devidamente explicados e colocados no seu devido lugar? Ainda que a transição siga lenta e gradual e vá dando certo, é bom ficar atento porque pode dar sono e então, perder-se a hora. Não é questão de uma simples desavença entre irascíveis artistas plásticos, onde a distribuição de insultos é gratuita e despropositada. O buraco é mais embaixo. Bem mais embaixo. Não se está lutando pela posse de um conjunto de salas num belo local às margens do Lago Paranoá. E é justamente neste ponto que a obtusidade geral se manifesta naqueles que deveriam estar mais preocupados com os rumos da política cultural — que é um bem coletivo — e empenhados em um novo projeto para a sociedade. A polêmica em torno do Museu não é outra que não a polêmica sobre como as instituições do estado devem se relacionar com as artes e com a cultura de modo geral. E o projeto a ser executado que está em discussão. O MAB tanto pode ser um emprego seguro para alguns, como pode ser um templo para os amantes das belas artes ou então um grande centro de artes com realizações em níveis

tão diferentes como os programas didáticos ou a Trienal Latino-Americana de Artes. As mudanças que há anos vamos reclamando, só acontecerão se nós, os interessados, as fizermos acontecer. Num momento democrático, o que é de se esperar é que todos ansiem por ter participação direta na coisa pública e não que se continue a esperar a boa vontade (aliás, muito rara) dos diretores, assessores ou qualquer outro tipo de autoridade. Urge encaminhar democraticamente os assuntos do Museu e se o nome do governador do DF ainda não saiu, isto não nos impede de exigir mais decência e seriedade no tratamento das questões culturais. O Museu é um aparelho do estado tanto quanto o é a Secretaria de Planejamento e afinal, uma boa trincheira para quem está a fim de lutar por uma participação efetiva do povo oprimido num processo que sempre foi manipulado por elites de todo tipo. Por isso é bom deixar escrito com todas as letras — para não ficar preocupado como o Evandro ficou — que o problema não é com os olhos verdes de uns ou o trabalho mediocre de outros à frente de assessorias ou secretarias. Há que se entender que os problemas são estruturais e devem ser resolvidos com políticas de reformas estruturais. Para que isso aconteça, é necessário que as pessoas que, cristalizadas pelo exercício do autoritarismo, não conseguem ter o mínimo entusiasmo pela idéia democrática, sejam afastadas dos cargos que ocupam. Que me desculpem os mais polidos mas, realmente o que o João Evangelista (pra quem não conhece foi ele que abriu os debates em torno do Museu e propôs a implantação de um novo espírito de trabalho) pode fazer tendo que compartilhar a direção com Leda Watson que não manifesta o menor simpatia pelas idéias "porra-locas" dos artistas? Para que o projeto do MAB passe a existir concretamente e se torne a "anima" de uma instituição progressista, dinâmica e aberta é urgente que as pessoas que não estão comprometidas com a comunidade, e que de resto nunca estiveram, sejam removidas. E, por favor, não me venham com o papo de que precisam do emprego porque quem vive jantando com generais e mora nas zonas nobres da cidade, tem muito menos necessidade dele do que eu, que sou artista, e preciso de coisas como museus e ga-

lerias decentes para poder exercer a minha profissão com tantos outros artistas. O MAB, para ser algo mais que um espaço físico, para ser um espaço vivo, rico em experiências, exige dinamismo em suas bases. Por sua vez, vinte anos de ditadura militar, deixam entrever que instituições culturais vicejam melhor em climas frescos e temperados. Para que isso aconteça, a sugestão de um conselho diretor composto pelos mais diversos segmentos da comunidade possibilitará a abertura necessária para se fazer do MAB um verdadeiro caldeirão de tentativas, experiências e ousadias que nunca foram permitidas. Este é o caminho para que não se dependa mais das conveniências pessoais de um Carlos Mathias e que ao invés de um conselho (da FCD) misterioso e cheio de pessoas inaptas, se trabalhe com outro conselho, composto de donas-de-casa, professores, funcionários públicos, empresários e artistas. Quem acha que isto é populismo deve ter uma idéia muito imbecil do que seja participação popular e nisso acho que o Evandro concorda comigo. Talvez não concordemos com a avaliação das exposições realizadas no museu até agora, mas o MAB nasceu sem um projeto definido e não se poderia esperar grande coisa quando os critérios de própria fundação levaram em conta interesses pessoais e não os reais interesses da coletividade. Ele nasceu amarrado e assim permanecerá até que nós, artistas, produtores de cultura e povo, desatemos o nó. São, aliás, muitos os nós a serem desatados depois que um grupinho de generais e empresários implantou no País métodos de governo peculiares às famosas repúblicas bananeiras. Mas isso ainda não é o pior. O ruim mesmo é que cada um siga fazendo suas reuniões culturais, suas terapias de grupo e a terra continue a girar. O ruim mesmo é que ninguém percebe um palmo diante do nariz e a terra continue a girar. O ruim mesmo é que não era eu que tinha que estar aqui falando estas coisas que um pequeno grupo já está cansado de saber. A terra continua a girar. Qualquer hora nossos bóias-frias sairão armados de foice e como os mineiros da Bolívia e suas dinamites passarão suas noites na rua. Aí, então, João, saberemos a resposta daquela sua pergunta: a arte afinal, é ou não é inimiga do povo (Eduardo Carreira)